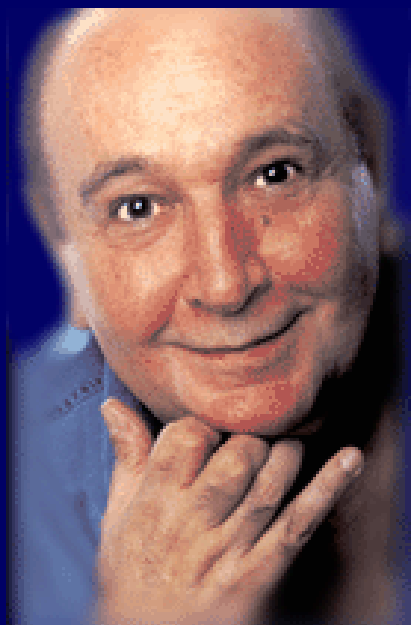


[chat](#)[news](#)[raio-x](#)[ping pong](#)

SELECIONE O GÊNERO

[ENTRE NO CLUBE](#)[CADAS](#)

## Entrevista João Donato

Tom Jobim, o maestro da bossa nova, costumava chamá-lo de gênio. Jazzistas de primeira linha, como Horace Silver e Cal Tjader, estão entre seus fãs. Mesmo assim, dizer que o pianista e compositor acreano João Donato é um "músicos dos músicos" seria pouco. Afinal, além de ter sido um precursor da bossa nova, com seu estilo econômico ao piano, Donato também é um compositor originalíssimo, autor de sucessos e melodias preciosas, como as de "Lugar Comum", "A Paz", "Até Quem Sabe", "Chorou, Chorou", "Bananeira", "A Rã", "Nua Idéia", "Flor de Maracujá", "Daquele Amor Nem Me Fale" e "Brisa do Mar", entre outras. Ironicamente, Donato continua sendo mais cultuado no exterior do que no Brasil, mas nem isso o faz perder o bom humor de sempre..

Seu novo CD, "Amazonas" (selo Elephant), foi gravado em estúdio, mas a descontração é tamanha que ele parece ter sido registrado ao vivo. Isso foi intencional? Exatamente. Eu não fazia um disco com trio há muito tempo. Ele me lembra o "Muito à Vontade", que eu gravei em 1963, com o Milton Banana e o Tião Neto. O "Amazonas"

gravado com outros músicos: o Cláudio Slon e o Jorge Helder. Naquela época, nós entrávamos no estúdio e saíamos tocando. Muitas das músicas ainda nem tinham nome. Eu inventava o tema na hora (risos). Desta vez não chegamos a tanto, porque o Vartan Tonoian, que produziu o CD, conhece meu repertório todo. Acabamos escolhendo os temas juntos.

Além de vários dos seus sucessos, nesse novo CD entraram também quatro inéditas. Elas são recentes?

A mais antiga é "Like Nanai", que eu fiz aos 18 anos. Ela ficou como recordação da minha adolescência, do tempo dos conjuntos vocais. Nanai cantava comigo nos Namorados. "Caminhos" eu fiz no ano passado, durante as gravações para o meu "Songbook", editado pelo Almir Chediak. A melodia me lembrava a Emilinha Borba, de quem eu era fã quando garoto. Por isso, pedi ao Abel Silva que fizesse uma letra para que ela pudesse gravar. "Tardes de Verão" e "Alegria pra Cantar" também são do ano passado, feitas em parceria com o Tarci Guimarães.

Suas primeiras composições eram instrumentais. Quando você decidiu começar a fazer canções?

Foi em 1972. O Agostinho dos Santos me disse: "Pô, você vai gravar mais um disco tocando piano de novo? Se eu fosse você colocava umas letras nessas músicas, se não nós cantores nunca poderemos gravar suas músicas". Foi uma grande sacada. Já estávamos gravando o disco, mas saímos correndo atrás de quem fizesse as letras (risos).

Seus discos e composições sugerem que você prefere sempre o mínimo em vez do máximo...

O Cal Tjader chegou a comentar isso, na capa de um disco dele. Ele me chamava para gravar constantemente, nos Estados

Unidos, e disse que admirava meu jeito de tocar, não pelo que eu fazia, mas pelo que eu deixava de fazer.

Por que você decidiu sair do Brasil, justamente na época em que a bossa nova estava a ponto de fazer sucesso? Por uma razão muito simples: eu não conseguia tocar, nem dar canja, porque era tudo muito difícil. Eu precisava esperar até 3h ou 4h da manhã, para que o Milton Banana e outros colegas meus dissessem que eu já podia tocar meu piano. O público só queria ouvir música cantada ou aquele sambinha "telecoteco". Eu achava tudo aquilo horroroso, justamente porque a gente estava criando uma música mais sussurrada, com uma harmonia mais sofisticada, que tinha a ver com os discos do Stan Getz, do Shorty Rogers, do Chet Baker e do Gerry Mulligan. Assim como o Tom Jobim, como o João Gilberto, como o Johnny Alf e o Dick Farney, eu achava que a nossa música estava muito pobre. Então decidi ir para a América do Norte.

Muitos dos seus fãs não sabem que, além de tocar acordeão, você chegou a tocar trombone, no início da carreira. Por sinal, você aparece como trombonista no álbum "Eddie Palmieri and His Conjunto La Perfecta" (Alegre/ Fania Records), relançado em CD três anos atrás. Você se lembra dessa gravação?

Sim! Eu cheguei nos Estados Unidos, em outubro de 1959. Esse disco é do início dos anos 60. Naquela época eu costumava dar canja com o Palmieri, tocando trombone, às segundas-feiras, no Bronx. Nós tocávamos mambos, cha-cha-chás e pachangas. Eu era pianista do Mongo Santamaria, mas andava com o trombone a tiracolo, que sempre foi a minha paixão. Essa foi a primeira gravação do Eddie Palmieri. O Mongo Santamaria até ficou meio chateado porque achava que eu não devia tocar com outras bandas.

Quando você desistiu do trombone?

Parei de tocá-lo nos anos 70. Quando regresssei da América, em 72, eu me tornei um compositor, embora nunca tivesse me considerado assim. Foi preciso que os americanos dissessem que eu era uma espécie de Cole Porter do Brasil. Eu achei estranho, mas com o passar do tempo fui me acostumando com o título de compositor. Acho que aconteceu comigo algo semelhante ao Tom Jobim, que deixou de ser aquele grande pianista, para se tornar um cara que compunha maravilhosamente.

**E quais são seus pianistas favoritos?**  
Meu favorito é e sempre foi Horace Silver. Gosto muito do ritmo, do jeito que ele acompanha. Ele bota febre na música. Também gosto muito do George Shearing. Já do Bill Evans, eu não gosto tanto, porque ele é romântico demais. Gosto dessa coisa peralta do Horace Silver. Meu modo de tocar tem muita ênfase no ritmo.

**E que tipo de música você gosta de ouvir hoje?**  
Continuo ouvindo os mesmos caras de antigamente: o Chet Baker, o Horace Silver, o Stan Kenton, o Shorty Rogers. Eu olho na capa do disco e está escrito: 1950 e alguma coisa. Isso não importa. Esse tipo de música é tão atual, tão moderno, é tão melhor do que esse Kenny G, esse pagode e esse axé que se faz hoje!

**Por que a bossa nova continua sendo tão cultuada, especialmente no exterior, quatro décadas depois?**  
- Porque ninguém acrescentou nada ao que nós fizemos, nem a jovem guarda, nem o tropicalismo, nem a música de protesto, muito menos o pagode, o sertanejo ou o axé. Por isso, quando quero ouvir alguma coisa em casa, eu ponho um Stan Kenton ou um Chet Baker de 1950. Nada do que ouço é recente. Quando eu vejo essas coisas absurdas que vendem muito disco hoje no Brasil, eu me sinto como em 1959, porque mais uma vez a música que eu


fazia não tem muita aceitação. Eu tenho 8 CDs lançados no Japão, mas não consigo tocar na minha terra, o estado do Acre, porque ninguém me conhece. Só me restar dessa pobreza cultural.

Para terminar, como você está de saúde agora, João? O susto daquele enfarte já passou?

Agora estou bem, porque comecei a respeitar meus limites. Eu nunca tive nenhuma doença antes, então achava que podia dormir a qualquer hora e comer qualquer coisa. Eu estava com excesso de peso e fumando muito, uns dois maços de cigarro por dia. Como estava tudo errado, foi natural que as artérias do meu coração entupissem. Agora, passados três meses, fiz os testes e estou super bem. Emagreci 15 quilos. Foi um susto que me ajudou a ter mais consciência dos meus limites.

**Carlos Calado**

© 1999, 2000 - www.mp3clube.com - todos os direitos reservados

 **UOL** | **ÍNDICE** | **CORREIO** | **SERVIÇO AO ASSINANTE** | **BATE-PAPO** | **FÓRUM** | **SHOPPING**